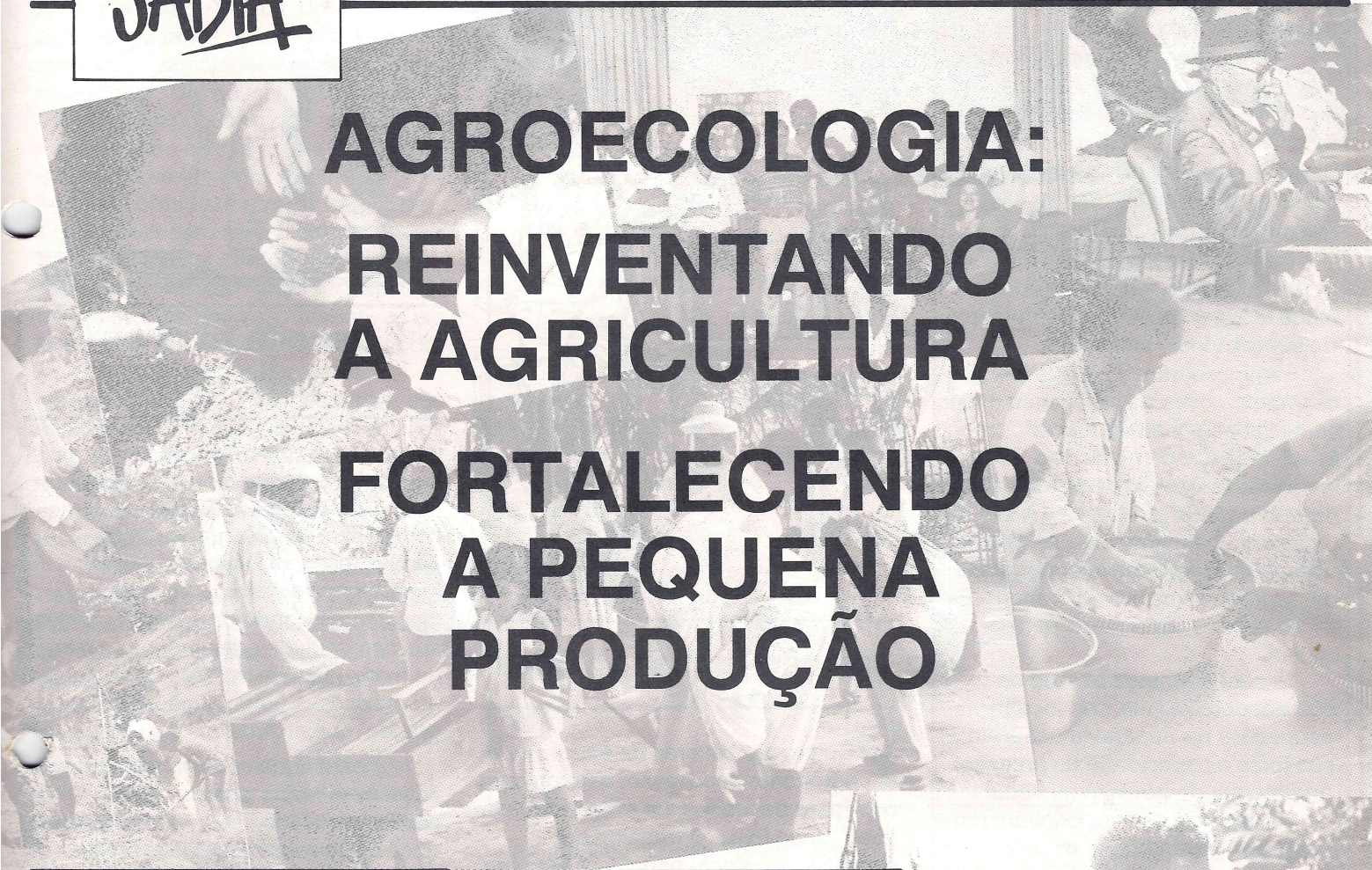


CENTRO DE
DESENVOLVIMENTO
AGROECOLÓGICO

SABIÁ

DOIS DEDOS DE PROSA

Nº 10 - RECIFE PE - DEZEMBRO DE 1993



AGROECOLOGIA: REINVENTANDO A AGRICULTURA FORTALECENDO A PEQUENA PRODUÇÃO

Apresentamos neste número do DOIS DEDOS DE PROSA a marca do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Com ela queremos identificar não só as publicações e outros materiais de comunicação produzidos, mas também registrar a nossa atuação, em parceria com agricultores, suas organizações e com as outras entidades de apoio e assessoria, trabalhando por um modelo de desenvolvimento rural que respeite o homem e a natureza.

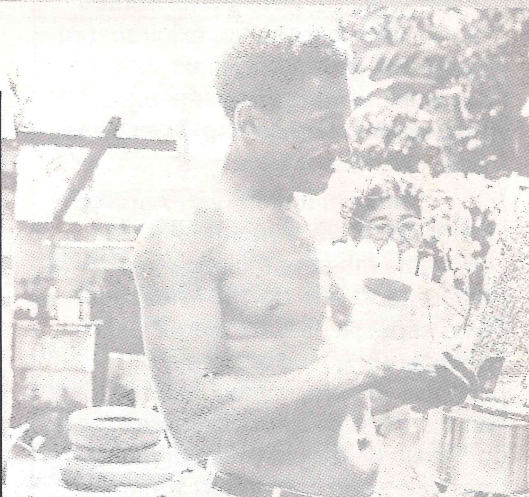
PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

Na parceria dos agricultores com os técnicos são experimentadas novas maneiras de trabalhar a terra. Todos têm alguma coisa para ensinar ou aprender. Selecionamos nesta edição três experiências onde conservar o solo é a esperança e a base para aumentar a produção dos agricultores.

Páginas 4, 5 e 6.

1994. O que será das Frentes Produtivas de Trabalho?

Leia página 7.



EDITORIAL

Solidariedade, luta e esperança para 1994

Já que dividiram nossas vidas em anos e que na passagem de um para o outro somos tomados pelo sentimento da esperança, é com ela que gostaríamos de marcar o nosso último boletim de 1993.

Sentir esperança porque 1993 foi o ano da solidariedade contra a fome. A sociedade civil se mobilizou e encarou o combate à miséria. Dezenas de toneladas de alimentos, centenas de comitês criados, milhares de brasileiros envolvidos. Um balanço que joga para 94 uma potencialidade e responsabilidade ainda tão grande quanto os números de subnutridos e indigentes.

Sentir esperança porque em 93 os trabalhadores comprovaram a tão conhecida e antiga denúncia: "no Brasil, dezenas de políticos e empresários desfrutam de toda a riqueza por nós produzida". A CPI do orçamento está apurando os fatos e descobrindo verdadeiras quadrilhas de "ladrões de colarinho branco". E esses ladrões terão que ir para a cadeia.

Sentir esperança porque os trabalhadores rurais, com duas ocupações na Sudene, mostraram sua força e capacidade de pressão. Arrancaram do governo as frentes produtivas de trabalho, exigiram um programa governamental especialmente para o semi-árido e hoje possuem propostas concretas para enfrentar a seca.

Temos em mente que as lutas travadas em 93 serão fortalecidas com uma maior participação de cada brasileiro. O ano de 1994 nos reserva uma especial missão: eleger um presidente, governadores e um congresso comprometidos com o sonho do trabalhador brasileiro, com o desejo de ter um Brasil digno daqueles que constroem a sua riqueza. A nossa esperança e capacidade de luta serão fundamentais para superarmos o medo e construirmos uma Nação feliz.

TÁ VENDENDO AÍ ?**A lição do "seu" Elias**

Quatro agricultores de Paquevira e um agrônomo peneiravam esterco para o preparo de mudas, na propriedade de "Seu" João Elias. O trabalho era cansativo, mas sem peneirar o estrume não ia prestar na hora de misturar com a terra e colocar nas bolsas. O pessoal tinha que encher a traseira de uma caminhonete com o estrume peneirado.

No meio do serviço chega "Seu" João Elias, com o jumento carregado de bananas, e fica espiando.

- Ô menino, esse estrume não precisa peneirar, diz "Seu" João. Anteontem essa parte se molhou e espia só: esfarela fácil, fácil, repetia ele para o pessoal.

Num instante a caminhonete ficou cheia de estrume. Todo mundo aprendeu que basta molhar o estrume curtido que ele esfarela, não carece peneirar.

**Receita para os baixinhos**

Um dos momentos mais engraçados do treinamento sobre o cultivo do abacaxi, realizado na comunidade de Espera, em Bom Jardim, foi quando seu Manoel de Pindobinha começou a fazer um discurso criticando os agricultores de sua comunidade que ainda botam fogo no mato, plantam ladeira abaixo e usam agrotóxicos. A empolgação foi tão grande que, no final, ele saiu com essa:

"E para aqueles companheiros que ficam meio brabo porque eu sou baixinho e falador, eu vou logo dizendo: você é alto mais não é dois, eu sou baixinho mas não sou metade".



DOIS DEDOS DE PROSA

Nº 10 - RECIFE PE - DEZEMBRO DE 1993

Informativo nº 10 - Dezembro de 1993

Centro de Desenvolvimento

Agroecológico Sabiá.

Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite.

CEP 50070-390 - Recife/PE

TELEFAX (081) 221.1338.

EQUIPE: Avaniildo, Flávio, Joseilton, Kurt, Marcos e Vanderlucia.

EDIÇÃO: Vanderlucia (RG 1.583 DRT/PE)

e Paula. REDAÇÃO: Paula Albuquerque.

ILUSTRAÇÕES: Domingos Sávio.

DIAGRAMAÇÃO e ARTE: Giorgio Verdi.

CIRCULAÇÃO: Marleide e Ariluce.

APÓIO: ICCO e SACTES.

DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO DO PTA AO SABIÁ

Kurt Habermeier
Vanderlucia

Uma árvore ligeira no seu crescimento e de grande utilidade, protegendo o solo e ajudando a homens, mulheres e animais... Uma árvore resistente à seca. Um pássaro de canto forte, de presença bela e marcante, anunciador da chuva e da esperança... Um pássaro querido e conhecido nos quatro cantos do país. Esse pássaro e essa árvore batizam o mais novo centro de assessoria à pequena produção rural, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá.

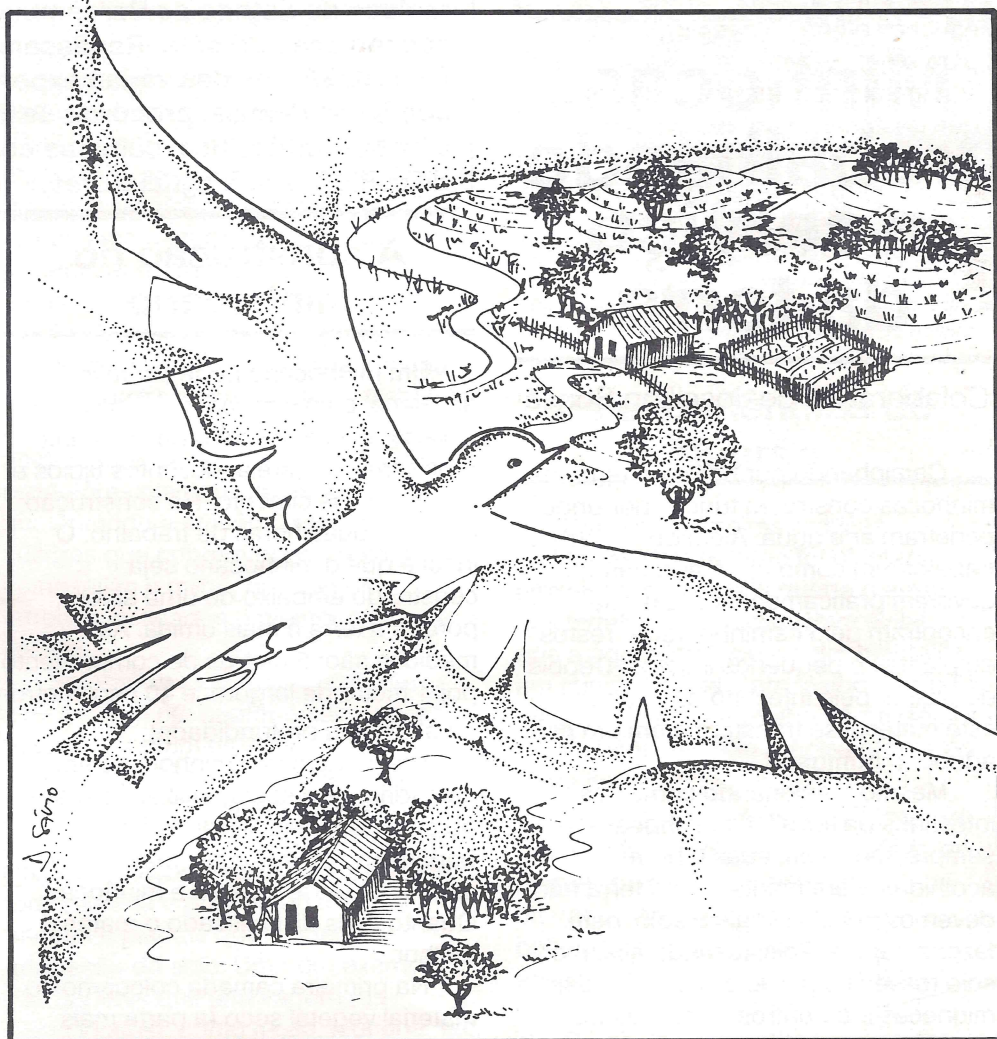
O Centro Sabiá traz uma herança construída nos nove anos de trabalho do Projeto Tecnologias Alternativas em Pernambuco e Paraíba. Neste período, o intercâmbio realizado com os sindicatos de trabalhadores rurais, com as entidades de apoio e assessoria, e com diversos grupos comunitários contribuiu muito na difusão das tecnologias alternativas e na compreensão da ecologia.

Hoje, muitas famílias camponesas desenvolvem práticas agroecológicas. Realizam uma agricultura combinando conservação do solo, retenção de água, manejo de árvores, criação animal, apicultura e roçados diversificados.

O Sabiá continua na Rede PTA Nacional, formada por 25 entidades atuantes na zona rural, desenvolvendo experiências agroecológicas, procurando juntas construir um novo modelo de desenvolvimento rural, que sirva melhor ao homem e à natureza.

O Centro Sabiá procura contribuir, em Pernambuco e na Paraíba, para a construção desse novo modelo rural, baseado na pequena produção e na agroecologia. Acreditamos que através de um novo jeito de plantar, a agricultura camponesa pode tornar-se ecologicamente sustentável e economicamente viável, e assim garantir a permanência do homem no campo.

É em cooperação com alguns sindicatos que estamos desenvolvendo experiências práticas de agricultura ecológica, enquanto em articulações



mais amplas, como o Forum Seca, procuramos pressionar as políticas públicas estaduais e nacionais.

Junto com os nossos parceiros, planejamos para 1994 a continuidade da nossa ação em diversas frentes de trabalho. Em Bom Jardim, faremos acompanhamento e capacitação da Comissão de Agricultura do STR e implantação de uma experiência de agricultura ecológica na comunidade de Paquevira. Na Mata Norte de Pernambuco, manteremos o apoio aos grupos de apicultura nos assentamentos de Abreu e Lima e à experiência de agricultura em Inhamã. No Sertão Central de Pernambuco, continuaremos a assessoria aos

sindicatos de Triunfo e São José do Belmonte, nos seus programas de conservação e melhoramento do solo, diversificação de culturas e comunicação rural.

O Centro Sabiá fará assessoria metodológica e intercâmbio com entidades do Sertão da Paraíba, assim como prosseguirá na coordenação do Forum Seca. No âmbito da Rede de Intercâmbio Pernambuco e Paraíba, avançaremos na circulação de informação e organização de cursos e seminários de formação agroecológica.

O Centro Sabiá inicia 1994 na sua própria sede, localizada na Rua Esperanto, 479, Ilha do Leite, Recife-PE. CEP 50070-390, Telefax (081) 221.1338.



e Resultados

INHAMÃ

Minhocas: trabalhando a serviço da terra

Colaboração de Joseilton Sousa

Caminhando por baixo da terra, as minhocas constroem túneis, por onde penetram ar e água. Além de trabalharem como um arado natural, devoram praticamente tudo o que encontram pelo caminho: terra, restos de plantas e pequenos insetos. Depois de passar pelo intestino da minhoca este material se transforma em um rico adubo: o **húmus**.

Mesmo funcionando como "os intestinos da terra", as minhocas nem sempre são valorizadas e bem acolhidas. Para mantê-las na terra não devemos traçar demais o solo, nem fazer a capina. Pois, fazendo assim o solo resseca e perde a "comida" das minhocas e de outros bichinhos que garantem a vida ativa da terra.

Isso prova que solo sem minhoca é solo pobre. Agora, diante de um solo empobrecido não basta jogar as minhocas, deixando por conta delas a recuperação da terra que será cultivada. Podemos conseguir essa recuperação de modo mais rápido produzindo o húmus, só que não diretamente na terra, mas num **minhocário**.



Um caminhão com esterco de galinha custa em torno de CR\$ 60.000,00. A mesma quantidade de vermicomposto chega a valer cerca de CR\$ 200.000,00.

Dependendo do jeito como trabalhamos a terra, podemos transformar um solo fértil em um solo que produz pouco ou quase nada. Assim como também podemos recuperar um solo improdutivo.

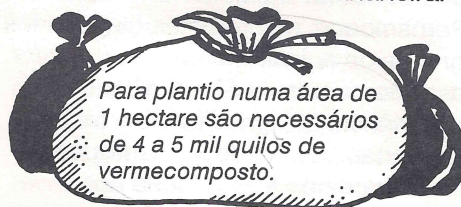
Em 1993, trabalhando dentro da agricultura ecológica os técnicos do Sabiá, em parceria com agricultores e técnicos de outras entidades de apoio à pequena produção rural, atuaram em algumas regiões do Estado de Pernambuco, utilizando práticas de conservação do solo. Repassamos neste número do DOIS DEDOS DE PROSA três das várias experiências realizadas neste ano. Nelas, como nas demais, procurou-se inicialmente conhecer a agricultura de cada região, bem como as condições de plantio e as principais dificuldades dos agricultores.

A construção do minhocário

Um minhocário pode ser feito de alvenaria, com troncos de coqueiro ou cavado no chão. Para o de alvenaria precisamos de areia, duzentos tijolos e dez quilos de cimento. Na construção, gasta-se duas horas de trabalho. O ideal é que o minhocário seja construído embaixo de uma árvore, porque a terra é mais úmida. As medidas são: 5 metros de comprimento por 1 metro de largura, e 40 centímetros de altura (ou profundidade).

Preenchemos o minhocário em camadas, sem socar, utilizando restos de comida, tronco e folhas de bananeira, folhas secas, mato capinado, terra, esterco e minhocas. Quanto mais diversificado o material melhor.

Na primeira camada colocamos o material vegetal seco (a parte mais grossa), cobrindo todo o fundo do minhocário. Esta primeira camada deve ter 10 centímetros, já a segunda deve ser fina e feita de esterco ou de terra. Em seguida colocamos o tronco de bananeira (partido) e as folhas secas. A quarta camada será de restos de comida e a quinta de mato verde. Repetimos as camadas nesta ordem até o final, sem esquecer de molhar o material de vez em quando. Por último, fazemos três montes de esterco curtido, colocamos as minhocas nesses montes e cobrimos com folhas de bananeira.



Para plantio numa área de 1 hectare são necessários de 4 a 5 mil quilos de vermicomposto.

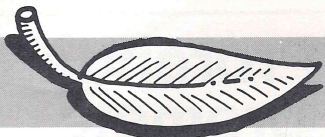
A partir do terceiro ano de plantio não é mais preciso utilizar o vermicomposto na adubação. Basta manter o solo úmido e coberto com material vegetal que as minhocas aparecem.

Em termos de quantidade, devemos usar para uma parte de material verde quatro partes de material seco. E uma parte de esterco para três partes de materiais vegetais, ou seja, se o minhocário tem 40 cm de altura, 10 cm será de esterco e o restante de material vegetal (seco e verde). Terminado o preenchimento, aguardamos de 2 a 3 meses, sem esquecer de aguar. No final do terceiro mês teremos 400 quilos de adubo.

Despesas e vantagens

Para construir um minhocário, nas medidas apresentadas, gasta-se CR\$ 3.800,00 com material e mão-de-obra. O adubo produzido (400 kg) vale CR\$ 16.000,00. No comércio, o quilo do adubo (vermicomposto) custa mais ou menos CR\$ 70,00. (Esses valores são do final de novembro).

Na propriedade de Jones e Josué, localizada na comunidade de Inhamã, em Abreu e Lima/PE, e onde foi realizada esta experiência, os primeiros 400 quilos de adubo foram colocados numa roça de macaxeira e o que foi produzido depois está sendo usado em mudas de leucena, tamboril, sabiá, véu de noiva etc, que serão plantadas na propriedade. Depois da criação de minhocas, os agricultores deixaram de comprar esterco de galinha.



BOM JARDIM

Aprendendo um jeito de plantar melhor

Flávio Duarte

Está se aproximando o tempo de preparar a terra para o novo plantio. Depois de um inverno com pouca chuva, cresce entre os agricultores de Bom Jardim a esperança de um ano que seja bom de produção. Para muitos agricultores uma boa produção depende somente da chuva, pois a disposição de trabalho é grande e "nesta terra, em se plantando tudo dá". Mas como está sendo mesmo a vida dos agricultores?

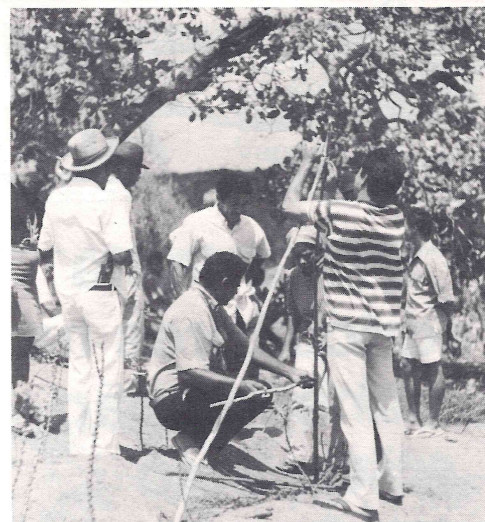
"Para a chuva molhar a terra parece que nem reza tá dando mais jeito. Entra ano, sai ano e aumenta a sequidão. Como resultado do desmatamento das árvores, o clima já está sem previsão e o que nós estamos vendo é que o agreste tá mais parecido com o sertão. Se a chuva que cai é pouca, aumenta a necessidade de se aproveitar toda água na lavoura. Sem deixar que a água escorra "ladeira abaixo", levando com ela a terra gorda,

boa para plantar. E trabalhando melhor a nossa terra que temos fartura, aumento de produção".

Foram com estas preocupações que surgiu um mutirão de nove agricultores na comunidade de Paquevira: "vamos experimentar um novo jeito de trabalhar a terra", diziam os participantes. A experiência começou no início deste ano, com o acompanhamento dos técnicos do Sabiá e do STR local. Hoje podemos tirar muitos ensinamentos para melhorar o trabalho e aumentar o rendimento da terra. Ensinamentos que podem ser repassados a outros agricultores.

Em Bom Jardim encontramos muitos problemas no solo e a maioria deles ocorre pelo modo de se trabalhar a terra. A região tem áreas muito acidentadas. A maior parte dos produtores plantam "ladeira abaixo", aumentando a erosão. Trabalham com culturas que cobrem pouco o solo, como feijão e milho, quando em terrenos inclinados o melhor é plantar árvores.

Se por um lado não é costume cobrir o solo em qualquer lavoura, é bastante comum os agricultores tocarem fogo no mato e nos restos de cultura, em vez de deixá-los na terra juntamente com o esterco animal. Por fim, a vegetação natural da região foi toda retirada e quase não existem árvores e plantas que ajudem na adubação do solo. Um bom exemplo são aquelas que têm vagem (as leguminosas), como feijão, leucena, etc.



"Para evitar que a água carregue o solo planta-se em curva de nível, com a ajuda do pé de galinha", como vemos na foto.

As experiências do Mutirão

Uma das primeiras práticas realizadas pelo mutirão foi plantar atravessado, contra a queda d'água, nas terras enladeiradas. Para evitar que a água carregue o solo, planta-se em curva de nível, com a ajuda do pé de galinha. Esse trabalho não é difícil e sendo bem feito não precisa repetir no outro ano.

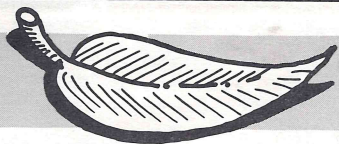
Além dessa, outras técnicas foram trabalhadas no roçado comunitário de Paquevira, como por exemplo, a utilização de faixas de retenção, cobertura morta, composto e o aproveitamento da vegetação nativa, que ajuda na adubação do terreno.

O trabalho do mutirão segue em frente. As experiências vão sendo ampliadas através do plantio de árvores, pequena irrigação alternativa, criação de animais e beneficiamento de frutas. Para programar estas atividades foi realizado em outubro deste ano um reconhecimento da propriedade de "Seu" Sebastião, em Paquevira, onde serão aplicadas estas propostas, para que possam servir de experiência e exemplo para todos os agricultores de Bom Jardim.

Portanto, além de ficarmos esperando pela chuva temos que refletir sobre o jeito que estamos trabalhando a terra e praticar uma agricultura que não enfraqueça o solo, melhore o trabalho dos agricultores e fortaleça a pequena produção rural.



"Uma das primeiras práticas realizadas pelo mutirão foi plantar atravessado, contra a queda d'água, nas terras enladeiradas".



TRIUNFO

STR orienta agricultores na conservação do solo

Johanna Uhlenbusch

A maioria dos agricultores dos municípios de Triunfo e Santa Cruz, no sertão pernambucano, vive na serra da Baixa Verde, uma região onde o solo está ameaçado pela erosão. Cada agricultor possui apenas de 2 a 3 hectares, às vezes até menos. Nos últimos tempos a produtividade dessa pouca terra vem caindo.

A direção do STR, preocupada com esta situação, buscou novos caminhos. Um deles foi a criação, neste ano, de uma equipe de agricultura. São nove participantes, entre homens e mulheres, que têm por objetivo aprender, testar e divulgar novas técnicas agrícolas. Por isso, todos os seus membros costumam participar de cursos e organizar treinamentos nas comunidades, onde experimentam, na própria terra, tudo o que aprenderam nos cursos.

Durante este ano, Zélia, uma das participantes da equipe e agricultora no Sítio Ladeira São Mateus, plantou amendoim. Apesar da seca, deu algum resultado. O amendoim ajuda a diversificar a produção, sendo uma alternativa de renda para os agricultores. Uma outra experiência da equipe foi plantar em canteiros de camada alta. Nesses canteiros, "Seu" Bernardo, do Sítio São José dos Pilotos, fez horticultura e produziu cenoura, beterraba e alho de ótima qualidade, com pouca água. Assim, cada membro da equipe tem sua especialidade.

De qualquer maneira, a conservação do solo continua sendo a



Apesar da pouca água, "Seu" Bernardo produziu beterraba de boa qualidade.

principal preocupação. De maio de 1992 até hoje foram realizados vários cursos, onde se procurou conversar sobre o que é solo, como ele se forma e quais as técnicas de proteção e adubação, entre outras coisas. Além dos cursos, foi feito um diagnóstico da região, um tipo de reconhecimento dos problemas e do que pode ser cultivado. Esse diagnóstico foi encaminhado pelo STR, com a assessoria de uma agrônoma do SACTES - Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social.

Em novembro deste ano foi escolhida uma área para aplicação das técnicas estudadas nos cursos. A intenção é que nesta área todos os agricultores possam "ver para crer". Várias comunidades de Santa Cruz participam desta experiência, que está sendo financiada pelo SACTES e coordenada pela equipe de agricultura do STR.

Ainda no mês de novembro foram praticadas nesta área duas técnicas: curva de nível e cerca de pedra. Por causa desta proteção já foi possível observar uma diferença na primeira chuva que caiu: a perda de solo foi menor na área de treinamento, em comparação com as áreas vizinhas. No próximo ano será feito plantio de capim e faixa de retenção, como outras técnicas para conter a erosão.

Prorenda promete mudar sua atuação

O governo do Estado e a GTZ - Sociedade Alemã de Cooperação Técnica estão reorientando o PRORENDA - Programa de Viabilização de Espaços Econômicos para a População de Baixa Renda, com a participação da sociedade civil.

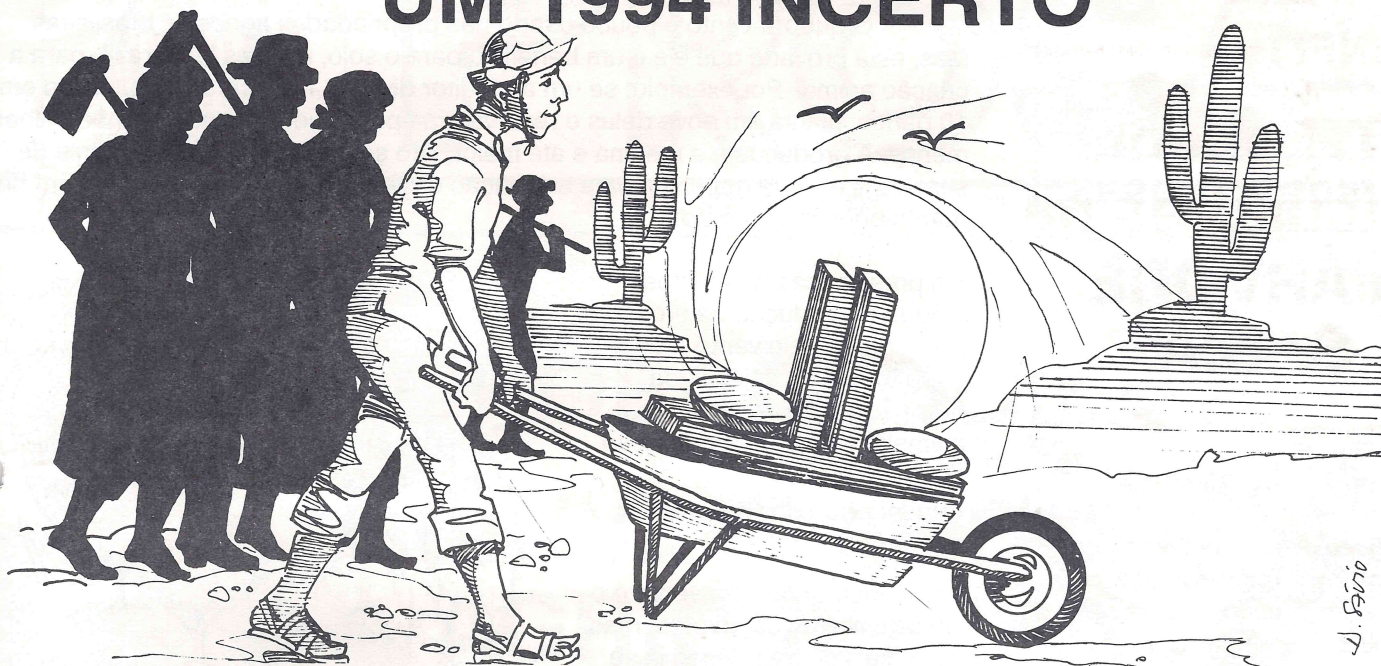
Em reunião com organizações dos trabalhos rurais e entidades de apoio e assessoria, no início de dezembro, a cooperação Brasil-Alemanha considerou esta participação fundamental para que os recursos do Programa sejam melhor utilizados.

Apesar de ter sido implantado desde 1989, o programa até hoje não provocou os resultados esperados. Como um dos programas governamentais voltados para o estímulo à produção na Mata Sul do Estado, o programa até hoje não trouxe alterações para o sistema de produção rural, tampouco na estrutura da economia regional. A cada ano aumenta a concentração de renda e a degradação do solo.

Na reunião realizada no Cecosne as entidades da sociedade civil presentes colocaram inicialmente como condição para participar desta nova fase do PRORENDA que seja definido um modelo de **gestão** paritário e democrático. O que significa, na prática, a criação de espaços de participação, de maneira que os interesses dos agricultores possam ser bem defendidos.

No final deste primeiro encontro foi tirada um comissão formada pela Fetape, Assocene, Equipe Técnica do PRORENDA e Centro Sabiá. A tarefa dessa comissão é preparar um seminário, a ser realizado de 1 a 4 de fevereiro de 1994, com os objetivos de esclarecer o programa, pensar formas de articulação com a sociedade e definir o modelo de gestão, com a participação da sociedade civil organizada.

FRENTES PRODUTIVAS: UM 1994 INCERTO



Se a seca apenas escancara uma situação social e econômica de miséria vivida pelos camponeses do semi-árido nordestino, o Programa das Frentes Produtivas serve mais para mostrar o descompromisso do governo com o povo sertanejo, do que para amenizar os efeitos da seca.

Em outubro de 1993, trabalhadores e trabalhadoras rurais de todos os Estados nordestinos estiveram na Sudene durante três dias. Com essa mobilização conquistaram mais 850 mil vagas para o Programa das Frentes. O governo federal se comprometeu a liberar, mensalmente, os recursos para os Estados, de modo que o pagamento dos salários fosse regular e quinzenal. Além disso, ficou acertada a liberação de verba para compra de sementes, a melhoria das ferramentas e a distribuição de cestas básicas com os alistados no programa.

Deste acordo, firmado na época com o atual Ministro Fernando Henrique Cardoso, pouca coisa foi cumprida. O esquema de distribuição das cestas foi montado com o apoio do exército e das comissões municipais do programa, mas é péssima a qualidade dos alimentos. O pagamento não se tornou regular e muito menos quinzenal: os trabalhadores receberam na última semana de dezembro apenas o salário de novembro.

Segundo o Fórum Seca-PE, nos municípios onde as ameaças de saque são mais fortes, como Trindade e Petrolina, o Banco do Brasil está fazendo o pagamento dos alistados, em acordo com os prefeitos. Mas, não se sabe a origem desta verba, que com certeza não faz parte do programa das frentes produtivas.

Diante da incerteza se o programa continuará em 1994, a Contag e as Fetag's do Nordeste passaram a pressionar o governo. Estiveram dia 15 de dezembro em Natal-RN, na reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, onde estavam presentes governadores e o Ministro da Integração Social. Neste encontro, os sindicalistas perceberam a insatisfação dos governadores pelo atraso do governo federal na liberação dos recursos, mas não viram nenhuma proposta de ação.

Em Brasília, a Contag entrou em contato com a secretaria do Ministério da Fazenda e conseguiu que fosse enviada medida provisória ao Congresso. Com esta ação do executivo federal espera-se a liberação de verba extra, não prevista no orçamento do governo. E aí o impasse: de onde sairá esta verba para as frentes? Esta é a questão sempre levantada pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique.

Não bastasse o atraso no

pagamento e a falta de resposta do governo ao Programa de Ações Permanentes para o Semi-Árido, existe ainda a possibilidade de substituição do Programa de Frentes pela distribuição de cestas básicas. Com isso os alistados seriam liberados para as roças e aguardariam as chuvas de janeiro.

Neste final de ano, anúncios de saques e movimentações dos trabalhadores rurais espalharam-se pelo agreste e sertão nordestinos.

Algumas manifestações, como a que ocorreu em Ouricuri neste mês de dezembro, foram reprimidas pela polícia. "As pessoas morrem de fome nas frentes, chegam em casa e encontram os filhos com fome e ainda são agredidas pela polícia", lamenta o articulador do Fórum Seca, Breno Gonçalves.

A crise social e econômica que prejudica os trabalhadores rurais nordestinos afeta todo o povo brasileiro. Mas o Brasil vai parar? Os trabalhadores rurais vão cruzar os braços? Como disse o presidente da Contag, Francisco Urbano, no seu discurso durante a última ocupação da Sudene, "quem morre quieto é passarinho, gente não morre quieta, não".



Versos e prosas

A ÁRVORE SABIÁ



A sabiá é uma árvore leguminosa que tem utilidade variada. Ela fornece madeira, caibros, estacas, forragem, boa lenha e ótimo carvão. Pode atingir mais ou menos 7 metros de altura. Seu jovem caule é pouco espinhoso, perdendo os espinhos à medida que a casca engrossa e fica forte. A casca da árvore jovem é cinzenta como a plumagem do pássaro sabiá da mata, talvez de onde venha o nome. As flores são brancas e o fruto é um legume pequeno.

A árvore sabiá cresce ligeiro e costuma se dar melhor em solo arenoso. Ela protege o solo contra a erosão, fazendo com que ele fique mais fértil. Tanto o tronco como os galhos ganham mais vigor após o primeiro corte, que aliado com os desbastes seguintes beneficiam o desenvolvimento dessa árvore.

Não se conhece pragas ou moléstias na sabiá. Podemos encontrá-la em todo o Estado do Ceará, nos municípios que fazem fronteira com esse Estado e na divisa Paraíba - Rio Grande do Norte.

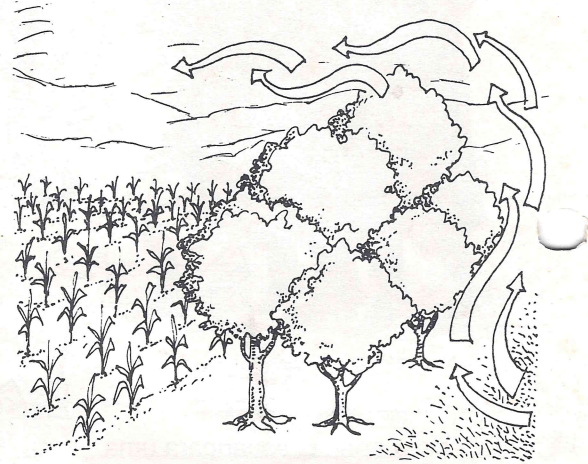
Árvore resistente à seca, a sabiá se reproduz tanto por estacas para brotação ("broiação"), como por sementes.

QUEBRA-VENTO

O quebra-vento é pouco usado nas propriedades agrícolas brasileiras. Mas, está provado que ele é um benefício para o solo, para as lavouras e para a criação animal. Por exemplo: se um agricultor divide 1 hectare a ser cultivado em 10 partes, planta em nove delas e reserva uma para quebra-vento, ele não colherá menos. A produção é a mesma e até maior. Isto sem considerar a economia de sementes e ainda materiais para adubação orgânica (folhas e gravetos), além de outros benefícios, como:

- a preservação das fontes d'água
- a redução da erosão pela água e pelo vento
- o refúgio para os animais da propriedade e para outros animais da mata
- a produção de frutos ou lenha, dependendo das árvores cultivadas.

O melhor quebra-vento é o de sete fileiras de árvores, mas com mais de três fileiras já se consegue bons resultados.



Voce sabia...?



... que a folha da mandioca é desodorante? Basta passar no local.

Pára-choque traseiro



Quem ama a rosa güenta o espinho



Conheça o "Calendário 1994 - a árvore na pequena produção rural". Pedidos para o Centro Sabiá - Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite, Recife/PE. CEP 50070-390.